

# Espaço que comunica cultura

*Danielle Mendes Thame Denny*

**T**exto denso, teórico, profundo. Indispensável para quem pretende entender como a cultura de cada época influenciou na evolução do conceito de espaço, desde a ágora grega até o espaço da esfera pública interconectada expressa no ambiente do ciberespaço.

A autora é docente, uma das fundadoras e atualmente coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Formada em Letras e Literatura, é livre docente e professora titular aposentada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Essa experiência multidisciplinar explica seu interesse pela temática do livro que articula idéias de tempo, espaço, cultura e comunicação. Ao escolher a cátedra da Comunicação, Lucrécia D'Alessio Ferrara compreende que “estamos às voltas com o ineludível diálogo transdisciplinar que caracteriza a comunicação como ciência e, talvez, com aquela realidade que lhe aponta a possibilidade científica de ser uma área voltada para as relações interdisciplinares de uma Comunicação do Conhecimento” (p. 94).

Comunicar não é só falar e escrever. Existem outros textos não-verbais que podem ser usados, como os sons, os odores e as imagens. Os espaços estão marcados por esses textos. As transformações econômicas deixam, principalmente, na cidade, marcas que contam uma história, mostram um conjunto de valores, refletem certos hábitos, revelam uma dada cultura. Utilizando os conceitos de Milton Santos, um dos seus mestres, a autora lembra que os fluxos impactam os fixos. Nesse contexto, analisa as alterações urbanas considerando que a moda que

## Comunicação Espaço Cultura

*Lucrécia  
D'Alessio Ferrara*

*São Paulo: Annablume,  
2008. 261 p.*



“marcara a cidade cosmopolita é revisitada, mas seus vetores são trocados, substitui-se a visualidade e a troca de valores e hábitos por um modo de ser e um jeito de pensar criado por poucos para valer para todos” (p. 67). Assim, “na metrópole transformada em simulacro tecnológico-eletrônico, o espetáculo não expõe o indivíduo, ao contrário, ele se mantém isolado e submisso ao domínio da massa de expectadores que o torna anônimo, enquanto o espetáculo é vivido como o efeito de uma espacialidade que está longe e é vivida imaginariamente. É a espetacularidade desse efeito que seduz o imaginário do sujeito eletrônico e o dissolve na massa de telespectadores” (p. 68). Por isso, “o próprio espaço não se deixa reconhecer na sua nova espacialidade; torna-se um hábito perceptivo e, enquanto simulacro parece natural. Comunicar é levar a consumir espacialidades, imagens, espetáculos” (p. 68).

No histórico da aldeia, da cidade cosmopolita, da metrópole e da megalópole não são identificáveis rupturas. As características

de uma não desaparecem totalmente quando a outra floresce. Pelo contrário, a semiótica e os valores de hoje misturam-se com manifestações anteriores e é nessa continuidade que a cidade contemporânea com sua cibercultura precisa ser estudada. Na cibercultura, de acordo com a autora, “as relações vão além do espaço público cosmopolita, ou melhor, recria-se domínio público, mas, agora, sem limites geográficos, sociais ou territoriais” (p. 72).

Ainda nesse contexto, a autora atualiza a consideração de que o meio é a mensagem, conforme a perspectiva de Marshall McLuhan. Logo, “passa-se da comunicação que organiza a mensagem e estabelece relações entre um emissor e seus receptores para a compreensão da organização que estabelece vínculos comunicativos, não através do que é dito, mas através do modo como é dito, ou seja, o espaço enquanto meio faz-se notar, mediativamente através das espacialidades que o representam” (p. 74). “Assim, no panorama da cultura encontramos não o espaço como suporte, mas seus efeitos quando passa de meio à mediação; desse modo o meio espaço é a mensagem através das espacialidades que registram sua organização informativa e criam distintos ambientes culturais” (p. 74).

D’Alessio Ferrara identifica como não produtiva a nostalgia pela perda dos cenários próprios das organizações urbanas anteriores (como a aldeia e a cidade cosmopolita). Desafia o leitor a identificar as alterações da cibercultura e perceber o cotidiano do ciberespaço, de modo a aprender constantemente novas experiências considerando que “estamos ante um novo desenho do espaço e da cultura. É o ciberespaço que desestabiliza a geografia do espaço físico e territorial, social ou político, e a cibercultura, que, sem paradigmas e em aceleração, desafia as antigas premissas de comportamento e valores culturais” (p. 116).

Várias áreas do conhecimento têm como objeto o espaço urbano, entre elas a geografia, a arquitetura, a demografia, a sociologia, a economia e a política. Cada qual estuda uma especificidade, mas, para fazer suas análises, todas dependem das representações e dos signos deixados pelo ser humano no tempo e no espaço. São eles que mostram como o indivíduo se relaciona com a cidade, dela se apropria e a transforma. Essa linguagem se relaciona com o tempo e o espaço e assim deve ser estudada. “Na realidade, enquanto fenômenos mutáveis e intercambiáveis, o tempo e o espaço não podem ser estudados como instâncias absolutas de um modo de ser, ao contrário, se manifestam, apenas, como aparências passageiras, como possibilidades contínuas e mutáveis. A dobra conforme dobra é a melhor definição” (p. 125).

Dada essa pertinência do estudo do espaço, inclusive para outras áreas de conhecimento, a autora produz uma obra de singular relevância. Considera que o “espaço é, ao mesmo tempo, cenário e ator da vida no mundo, porém não se apresenta diretamente, ao contrário, faz-se presente através de espacialidades e, sobretudo, através das relações que se pode estabelecer entre as suas diferentes manifestações” (p. 191-192).

Por fim, a forma adotada na edição do livro é muito prática. A cada capítulo seguem, além das referências e das notas, um índice das questões destacadas e estudadas. Por isso, a obra tanto pode provocar leitores mais treinados nas teorias da Comunicação, como também os iniciantes que precisam de mapas que permitem a compreensão da contemporaneidade em termos de comunicação, espaço e cultura.

*(resenha recebida mar.2011/aprovada abr.2011)*

**Danielle Mendes Thame Denny**, graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e mestranda em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero.